

O NASCIMENTO DOS LEÕES *

Duílio Gomes

Enquanto eu fazia as malas ela perguntava porque tanta pressa. As minhas abotoaduras ninguém soube explicar aonde estavam — também os meus potes de mel e o canário belga empalhado que eu sempre trazia no bolso até no dia em que a conheci. Era um bom canário, comprei-o por uma ninharia.

Na estação, enquanto esperava o trem, fiquei vendo os bonecos de madeira que o cego fazia girar no ar — davam cambalhotas e se esbofeteavam, ao som do pandeiro. A trupe do circo também esperava o trem, espalhada em grupos. Ela veio, a mulher de barbas negras, e me pediu um cigarro. O domador estava de camisa vermelha e olhos da mesma cor. Me explicaram que todos os seus leões haviam morrido de lepra, naquela manhã. Procurei consolá-lo, falando-lhe do meu canário empalhado.

Dentro do trem me ajeitei ao lado dos anões. Eram três anões encolhidos e humildes. Me ofereceram chicletes e perguntaram para onde eu ia. O que estava mais perto de mim tirou do bolso um chaveiro e jogou-o para o alto. Imediatamente todas as pessoas dentro do vagão começaram a cantar. Era uma canção triste e não me senti disposto a acompanhá-los, muito embora o refrão fosse fácil.

* *O Nascimento dos Leões*, publicado anteriormente no "Suplemento Literário do Minas Gerais", dá título ao primeiro volume de contos de Duílio Gomes, a ser lançado dentro em breve por uma editora mineira.

Isso é uma canção de circo, me explicou um dos anões. Quando os leões morreram nós cantamos ela. Sempre cantamos o *Adeus Minha Senhora*, *Adeus* quando estamos tristes ou nos acontece alguma desgraça.

Todas as pessoas neste vagão, perguntei, trabalham no circo? Sim — respondeu o mágico, sobre a minha nuca — são todos do circo, menos o senhor. Mas uma coisa que eu não entendo, falei para o mágico, é porque vocês estão cantando o *Adeus Senhora* — o anão me explicou que vocês somente a cantam quando estão tristes ou acontece uma desgraça.

O mágico arregaçou as mangas e fez aparecer de sob a sua orelha esquerda três pombas e uma garça dourada: *foi uma desgraça sim. O circo pegou fogo.*

Ah, sinto muito.

Não há de que.

O senhor é um bom mágico.

Sim, sou um bom mágico.

E como vocês vão fazer agora sem o circo?

È bem provável que eu faça aparecer um outro na próxima cidade.

Ah.

Me ajeitei melhor na poltrona. O mágico continuou, mastigando pastilhas de hortelã e esmigalhando ovos nas mãos em conchas: *Nunca fiz aparecer um circo mas me parece que eu posso fazer isso.*

Tenho certeza de que o senhor pode.

Além do mais nós não podemos viver sem aquela lona.

È. O circo é a lona.

A lona é apenas o pretexto, a casca. O circo na verdade somos nós, os artistas. Mas ninguém iria nos ver sem a lona por cima.

È uma questão de casca.

Não, é uma questão de mágica.

O domador continuava chorando a perda de seus leões. *Eram leões genuínos*, falou ele para mim, assoando-se com um lenço do tamanho de um dedo.



Geraldo Raposo

Assenti com a cabeça.

Ele, falou o mágico, não quer que eu faça nascer novamente os leões. Diz que seriam artificiais e que poderiam desaparecer de uma hora para outra. Não acredita muito na minha força.

Acredito sim, choramingou o domador, mas não quero arriscar.

Viu?, resmungou o mágico.

Ele é um bom mágico, falei para o domador.

Eu sei, eu sei, concordou o domador.

Uma lufada de fumaça negra invadiu o carro. Subíamos os montes verdes. Depois uma aragem nos aliviou da tosse mas quando olhei novamente na direção do mágico ele já tinha desaparecido.

Os anões riam ao meu lado e cochichavam. O mágico estava pendurado no teto do carro e tocava gaita de fole — *Adeus, Minha Senhora.*

Na verdade o mágico fez aparecer um novo circo quando paramos em Santa Laura; fez com que ele brotasse da terra e todos trabalharam armando as jaulas e fincando as arquibancadas. Eu também ajudei e em apenas três horas montamos tudo. Empregaram-me como lavador dos elefantes. Todas as manhãs eu os lavo e dou-lhes a ração que vem em baldes de isopor. Namorei a mulher do trapezista e fui apunhalado pelo mesmo. Procuro agora um pretexto para deixar o circo. Antes, porém, pedirei ao mágico para fazer aparecer no bolso da minha calça o canário belga. Era um bom canário — comprei-o por uma ninharia.